

**REFLEXÕES SOBRE MELANCOLIA E ALEGORIA EM WALTER BENJAMIN**  
**REFLECTIONS ON MELANCHOLIA AND ALLEGORY IN WALTER BENJAMIN**

**Débora Racy Soares <sup>1</sup>**

**RESUMO:** A alegoria e a melancolia são dois conceitos fundamentais nas reflexões do filósofo alemão Walter Benjamin. A busca da origem e do lugar do drama barroco na tradição alemã aparecem, sobretudo, no livro *A Origem do Drama Barroco Alemão*, escrito em 1928 e pensado como tese de livre-docência. É interessante ressaltar que, ao mesmo tempo em que Benjamin problematiza a insuficiência de vários conceitos e reflete sobre a melancolia, também sugere – no final da segunda parte do livro – que a História poderia ser concebida como drama trágico. Palavra-chave em sua filosofia, principalmente para a compreensão de seus escritos finais - suas teses sobre o conceito de História - a melancolia é o paradigma do príncipe no drama barroco. Partindo da melancolia alada düreniana, Benjamin leva suas reflexões ao extremo, ao sugerir uma concepção de História aberta, contrariando a historiografia dominante, de base positivista. A alegoria, contraparte da melancolia, aparece na terceira parte do livro denunciando a falsa aparência de totalidade da *imago mundi*. Assim, a imagem alegórica, que é sempre fragmentária e melancólica porque transitória, não nos deixa esquecer da *facies hippocratica* da História.

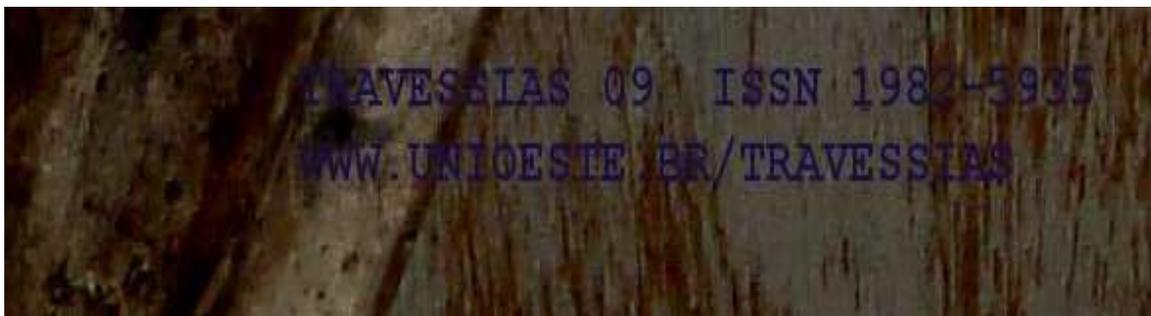
**PALAVRAS-CHAVE:** Walter Benjamin; Melancolia; Alegoria; *A Origem do Drama Barroco Alemão*.

**ABSTRACT:** Allegory and melancholy are two fundamental concepts of the German philosopher Walter Benjamin's reflections. The search of the origin and the locus of tragic drama in German tradition take place, above all, in the book of *The Origin of German Tragic Drama*, written in 1928 and thought to be Benjamin's *Habilitation*. It's interesting to point out that, at the same time Benjamin relates the insufficiency of several concepts and reflects on melancholy, he also suggests – at the end of the second part of the book – History could be conceived as tragic drama. Key word in his philosophy, mainly for the understanding of his final writings - his theses on the concept of History - melancholy is the paradigm of prince in tragic drama. Starting from the düreniana winged melancholy, Benjamin leads his thoughts to the extreme to suggest a conception of History that is open, contradicting the dominant historiography, based on positivism. Allegory, as a counterpart of melancholy, appears in the third part of the book denouncing *imago mundi*'s false appearance of totality. In doing so, allegorical image that is always fragmented and melancholic since it is transitory, keeps reminding us of History's *facies hippocratica*.

**KEYWORDS:** Walter Benjamin; Melancholia; Allegory; *The Origin of German Tragic Drama*.

O filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940) é um dos intelectuais mais instigantes e lidos da primeira metade do século XX, apesar dos desafios interpretativos que seus escritos,

<sup>1</sup> Doutoranda em Teoria e História Literária no Instituto de Estudos da Linguagem, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: [debora\\_racy@yahoo.com.br](mailto:debora_racy@yahoo.com.br)



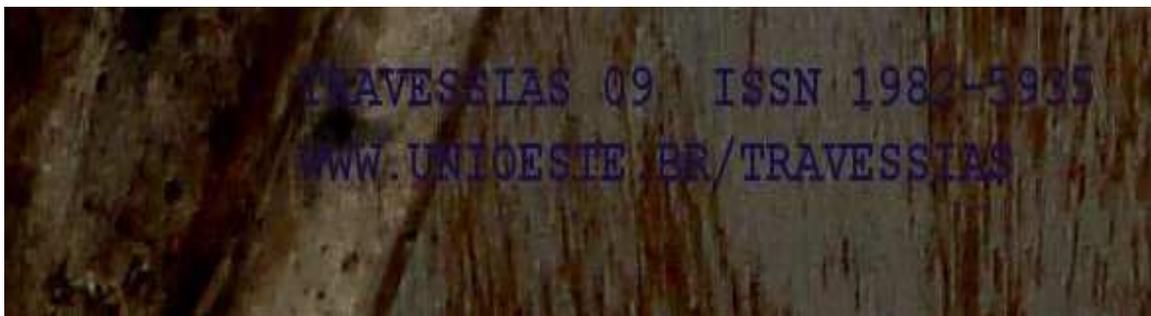
densos e, não raro, herméticos, impõem à leitura. Benjamin é autor de obras importantes, algumas delas traduzidas para o português, como *A Origem do Drama Barroco Alemão* (1984), *Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre Literatura e História da Cultura* (1985), *Charles Baudelaire. Um Lírico no Auge do Capitalismo* (1989), *O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão* (1993), entre outras.

Seus escritos, graças à sua perspicácia e alcance investigativo, resistem ao tempo e apresentam questões importantes como a problematização da idéia de progresso, associada à descontinuidade da história e à não-legitimação dos grandes relatos. Assim, estas tão perturbadoras e atuais reflexões benjaminianas têm muito a oferecer ao entendimento de nossa contemporaneidade.

A reflexão sobre os conceitos de alegoria e de melancolia nos conduz, inevitavelmente, ao livro sobre o drama barroco alemão. Aliás, é neste livro que Benjamin introduz questões fundamentais que perpassam toda a sua filosofia. Como sinaliza Jeanne-Marie Gagnebin, tanto a alegoria quanto a melancolia, ao lado das noções de origem, de salvação e de mônada, compõem este livro de 1928 que foi pensado como tese.

*A Origem do Drama Barroco Alemão (Ursprung des deutschen Trauerspiels)* resulta da tese de livre-docência (*Habilitation*) que Benjamin preparou para apresentar à Universidade de Frankfurt-Main, com a intenção de se tornar professor titular em alemão (*Ordinarius*). Após ser examinada por dois professores da instituição, a tese foi recusada, pois o filósofo parecia não preencher os requisitos necessários para a função que almejava. Ao ser comunicado sobre esse fato, em julho de 1925, Benjamin, então com 33 anos, foi impelido a exercer várias atividades para sobreviver. Dedicou-se não só à tradução de obras de autores como Balzac, Proust e Rilke, como também escreveu numerosos artigos e resenhas para revistas alemãs.

Procurando desdobrar os meandros da universidade alemã da época, Nicolau Sevcenko sugeriu que Benjamin era “brilhante demais para ser assimilado à modorrenta vida universitária alemã”. (SEVCENKO, 1985, s/p). Certamente seu “estilo elíptico” e seu “pensamento antiacadêmico” tampouco contribuíram para o sucesso da empreitada. (SEVCENKO, 1985, s/p). Leandro Konder acredita que o livro sobre o barroco seja “estranho” e “perturbador”. (KONDER, 1999, p.32). Já Gagnebin prefere chamá-lo de “livro maldito” e explica: “tenta-se lê-lo, não se o entende, tenta-se esquecê-lo, retorna-se a ele, pressentindo que aí se encontram



algumas das noções-chave de toda a filosofia benjaminiana”. (GAGNEBIN, 1984, s/p). Dividido em três partes, o livro se assemelha a um “tratado pesado”, de “erudição quase sufocante”, cujas “afirmações compactas e pouco explicitadas” estão distribuídas em parágrafos, “blocos erráticos”, que exigem do leitor um “exercício de alpinismo especulativo infinito”. (GAGNEBIN, 1999, p.81).

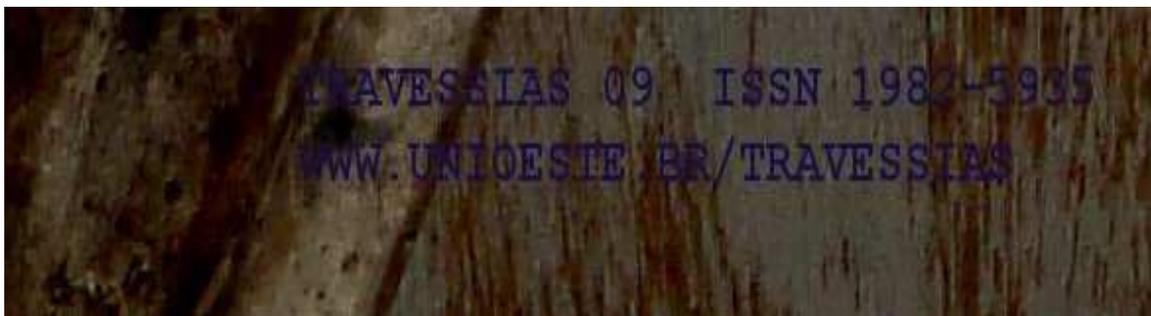
Ao longo do livro sobre o barroco, esboçado em 1916, Benjamin apresenta uma outra leitura do drama alemão do século XVII e, assim, promove uma verdadeira revisão da idéia de barroco e de tragédia. Ao fazê-lo, distingue o drama trágico (*Trauerspiel*) da tragédia (*Tragödie*), divergindo da visão tradicional sobre a qual ancoravam-se os historiadores literários de sua época. Além disso, Benjamin ainda estabelece pontos de convergência entre o drama trágico e a alegoria.

Em linhas gerais, interessa entender que o filósofo opera uma extensa revisão da história da literatura moderna para demarcar o lugar do barroco na literatura alemã. O “drama trágico do Barroco alemão passou a ser visto como uma caricatura da tragédia antiga”, como um “renascimento tosco da tragédia”, cuja “forma” estava “carregada de defeitos estilísticos”. (BENJAMIN, 2004, p.37). A partir desta hipótese, Benjamin procura desfazer o “equivoco” que, “durante muito tempo”, contribuiu para “estagnar a reflexão” em torno do assunto. (BENJAMIN, 2004, p.37).

Em busca da originalidade do drama barroco, o filósofo problematiza, em sua investigação, conceitos estanques e evita reduzir qualquer obra aos limites do gênero. Ao procurar salvar a singularidade de seu objeto de análise, Benjamin ensina a minimizar a importância da regra como instância crítica e a escapar das amarras do método dedutivo.

O entendimento do anômalo, do marginal, do que transcende os limites da regra, sempre fascinou Benjamin. Basta percorrer seus ensaios para perceber a amplitude de seus interesses. O filósofo passeia com desenvoltura por temas tão díspares como a moda, a história da fotografia, os livros infantis, os brinquedos, os jogos de azar, o comportamento das prostitutas, a grafologia e as experiências – iluminações profanas – com o haxixe. Ao proceder dessa maneira, Benjamin renuncia ao apelo da totalidade e valoriza uma visão que, ao considerar as diferenças, evita as hierarquias e, portanto, a redução dos objetos de investigação a um denominador comum.

De certa forma, o livro sobre o barroco, se afasta Benjamin de suas preocupações anteriores com a estética romântica, atualiza suas reflexões sobre a filosofia da linguagem. Seus



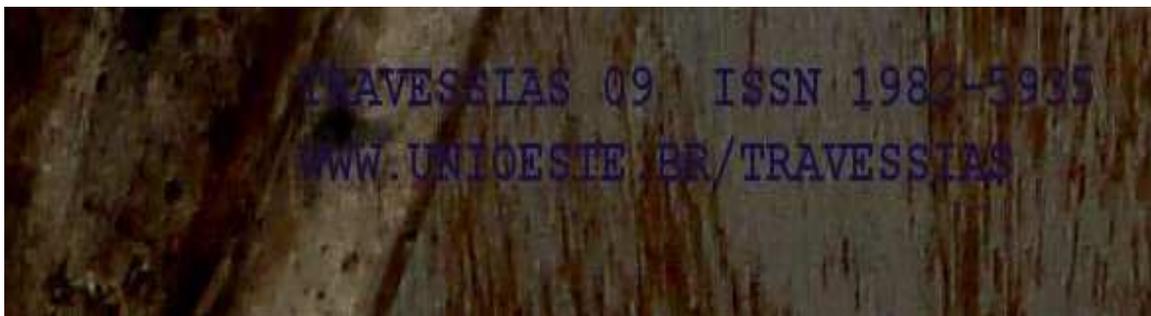
primeiros textos sobre a origem das línguas, a perda da capacidade de nomear após a queda e o estabelecimento da confusão lingüística ou Babel, ressoam neste *Trauerspiel* através da reflexão sobre o alcance da linguagem.

Posto de outra forma: agora suas ponderações sobre a linguagem consideram até que ponto ela poderia expressar o luto. Ao enquadrar o barroco no cenário do desencantado mundo weberiano, Benjamin precisa deslocar o olhar para a melancolia. Assim, recupera a melancolia alada düreriana como inspiração para suas reflexões. Antes, contudo, convém ressaltar que o título deste livro em alemão, *Trauer-Spiel*, remete tanto ao drama luto quanto à dimensão lúdica da linguagem, já que combina *Trauer* (luto) com *Spiel* (jogo, representação).

As três partes que compõem o livro sobre o barroco são: “Prólogo Epistemológico-Crítico”, “Drama Trágico e Tragédia” e “Alegoria e Drama Trágico”. A fim de encaminharmos nossas reflexões, nos interessam o final da segunda parte, em que Benjamin discorre sobre a melancolia, e a terceira parte, dedicada à alegoria e ao luto.

Em um primeiro momento, Benjamin procura entender a “teoria do luto”, constitutiva do drama trágico, a partir da visão de mundo do melancólico. (BENJAMIN, 2004, p. 147-149). A “fixidez contemplativa”, a “meditação profunda”, própria de quem é “triste”, e o “pensamento grave” seriam características do espírito melancólico, cujo paradigma maior é a figura do “príncipe”. (BENJAMIN, 2004, p.147-149). Ao delinear suas reflexões sobre a melancolia no drama barroco, Benjamin transcende os limites desta forma artística, sugerindo que a História também poderia ser concebida como drama trágico. De certa forma, neste livro sobre o barroco, Benjamin esboça suas reflexões futuras sobre a concepção aberta da História - em oposição às categorias da historiografia dominante - que seriam a base de seus últimos escritos, mais notadamente as suas teses “Sobre o conceito de História”.

Ainda no livro sobre o barroco, Benjamin recupera a idéia de temperamentos humorais, associada à escola médica de Salerno, cujo maior representante foi Constantinus Africanus, para entender o humor melancólico. De acordo com esta escola, a origem fisiológica da melancolia é o acúmulo de bile negra no organismo que corresponde, na teoria dos humores, ao excesso dos elementos seco e frio. Em decorrência, o sujeito melancólico seria “invejoso, triste, avaro, ganancioso, infiel, medroso e de cor terrosa”. (BENJAMIN, 2004, p.153). Mais adiante, Benjamin estabelece relações entre o *humor melancholicus* e a astrologia, retomando a influência de Saturno



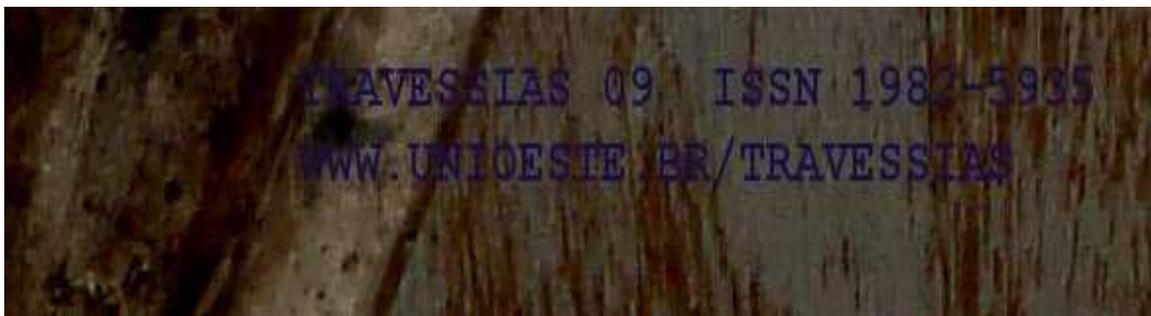
sobre esta predisposição de ânimo. É interessante entender que tanto a “constituição antitética”, quanto a relação com o *Cronos*, ou com o tempo, são determinantes na afecção melancólica. (BENJAMIN, 2004, p.159).

A certa altura, discorrendo sobre a “Melencolia I” de Dürer, Benjamin sugere que os antigos símbolos da melancolia, presentes na gravura, tais como o quadrado mágico, a balança, o cão, a pedra, poderiam estar relacionados à “plenitude alegórica do Barroco”. (BENJAMIN, 2004, p.159). Essa passagem, pouco clara, será elucidada no capítulo final do livro. Antes, porém, convém lembrar que o “persistente alheamento meditativo”, típico do melancólico, “absorve na contemplação as coisas mortas para as poder salvar”. (BENJAMIN, 2004, p.167).

No último capítulo, “Alegoria e Drama Trágico”, Benjamin resgata Goethe para refletir sobre o símbolo e a alegoria. Para Goethe, o poeta é capaz de apreender e de representar o particular através do símbolo, por isso a configuração estética simbólica seria superior quando comparada à alegórica. Goethe entende que, na representação simbólica, a partir do particular atinge-se o universal. Já a alegoria promoveria o movimento inverso: o poeta partiria do universal para chegar ao particular.

Na opinião de Benjamin, contrariando Goethe, seria impossível captar a essência da universalidade. Posto de outra forma: o universal, ao invés de ser concebido em sua positividade, como algo factível, possível de ser estabelecido, deve ser entendido pelo negativo. Isto é: diante da impossibilidade de se estabelecer um referencial estável sobre o que seja universal, Benjamin reconhece que só se pode atingir a idéia de universalidade de forma precária, imperfeita, portanto, melancólica.

Divergindo de Goethe, Benjamin valoriza o recurso alegórico e reconhece que ele molda a exposição barroca devido às circunstâncias históricas. Pois é na alegoria que nos deparamos com a “*facies hippocratica* da História”, isto é, sua face doente, que nos revela uma “paisagem primordial petrificada”. (BENJAMIN, 2004, p.180). A História, enquanto manifestação do “sofrimento” e do “malogro”, representaria a “*via crucis* do mundo”, através do rosto cadavérico. (BENJAMIN, 2004, p.180). A expressão alegórica, que nasce da “curiosa combinação de natureza e História”, será retomada por Benjamin nas teses sobre o conceito de História, especialmente na nona, através do quadro *Angelus Novus*, de Paul Klee. (BENJAMIN, 2004, p.181).



Acompanhando suas reflexões sobre o drama barroco, percebemos que na alegoria “cada personagem, cada coisa, cada relação pode significar qualquer outra coisa”, pois a alegoria sempre “significa algo de diferente daquilo que é”. (BENJAMIN, 2004, p.189, 257). Assim, no “campo da intuição alegórica”, a imagem é sempre “fragmento”. (BENJAMIN, 2004, p.191). Nesse sentido, ao rejeitar o impulso de universalidade de Goethe, Benjamin denuncia sua falsa aparência de totalidade, o que, no âmbito da História, significa seguir o “cortejo triunfante” em sua marcha sobre os que “jazem por terra”. (LÖWY, 2005, p.70).

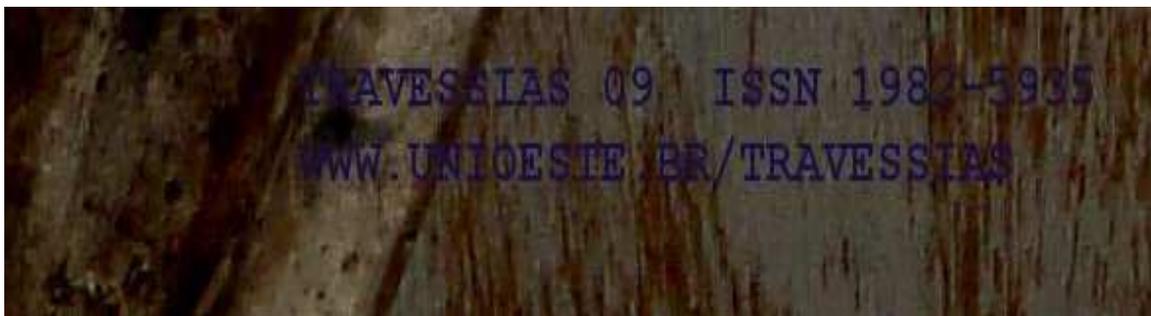
Em suas teses sobre o conceito de História, Benjamin procura recuperar as imagens de um passado oprimido, através do esforço revisionista. Para tanto, propõe a leitura da História “a contrapelo”, isto é, contra o historicismo servil que se vale da imagem triunfante dos dominantes e ignora a presença do cadáver. (LÖWY, 2005, p.70). Porém, aquela face doente, “*hippocratica*” da História, reveladora das barbáries, só pode ser resgatada de maneira parcial, incompleta e fragmentária, ou seja, alegórica. Nesse ponto, a alegoria encontra a melancolia. Se a melancolia é a consciência da perda e da transitoriedade das coisas, a alegoria é sua manifestação primordial, pois nela o efêmero e o eterno se aproximam. A alegoria revela o “desejo de eternidade” e a “consciência aguda da precariedade do mundo”, sob o prisma da contemplação absorta do melancólico. (GAGNEBIN, 1994, p. 43).

#### Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **A Origem do Drama Barroco Alemão**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984, 332 p.

\_\_\_\_\_. **Obras Escolhidas I. Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre Literatura e História da Cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, 253 p.

\_\_\_\_\_. **Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire. Um Lírico no Auge do Capitalismo**. Trad. Hermerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989, 271 p.



\_\_\_\_\_. **O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão.** Trad. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 1993, 144 p.

\_\_\_\_\_. **Obras Escolhidas II. Rua de Mão Única. Infância em Berlim por volta de 1900. Imagens do Pensamento.** Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 5ª. Edição. São Paulo: Brasiliense, 1995, 253 p.

\_\_\_\_\_. **Origem do Drama Trágico Alemão.** Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004, 363 p.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Folha de S. Paulo, São Paulo, 09/12/1984, s/p.

\_\_\_\_\_. **História e Narração em Walter Benjamin.** São Paulo: FAPESP, Perspectiva, Editora da UNICAMP, 1994, 114 p.

\_\_\_\_\_. “Da Escrita Filosófica em Walter Benjamin”. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **Leituras de Walter Benjamin.** São Paulo: FAPESP, Annablume, 1999, p.79-88.

KONDER, Leandro. **Walter Benjamin – O Marxismo da Melancolia.** 3ª. Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. 126 p.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de História”.** Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant, Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005, 159 p.

SEVCENKO, Nicolau. Folha de S. Paulo, São Paulo, 01/09/1985, s/p.

